

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

DENISE GABRIEL WITZEL



Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Quem não vê bem uma palavra não pode ver bem uma alma

(Fernando Pessoa)

Sabemos que a linguagem é inseparável da nossa vida, pois é com ela que pensamos, sonhamos, interagimos, expressamos desejos, ideias, sentimentos e emoções. Se não houvesse linguagem não existiria comunicação e, em decorrência, não existiria sociedade. Estudar linguística é, basicamente, estudar esse riquíssimo campo sob uma ótica tanto desafiadora quanto científica.

José Luiz Fiorin – importante linguista brasileiro – ajuda-nos a esclarecer a dimensão da linguística quando convoca o pensamento de Confúcio para dizer que sem conhecer a linguagem não é possível conhecer o homem e sem conhecer a Linguística, portanto, não é possível conhecer a linguagem, descobrir seus mistérios. Daí sua maior importância: “[...] a linguística conhece o homem por intermédio da linguagem.” (FIORIN, 2003, p.74).

Este material foi escrito com o propósito de apresentar aos estudantes de Letras, que chegam à universidade na Modalidade a Distância, alguns princípios fundamentais e fundantes da ciência Linguística, na expectativa de que se sintam motivados a conhecer cada vez mais as especificidades da linguagem humana e possam, como sugere Fernando Pessoa, *ver bem uma palavra, uma alma*.

Boa leitura! Bons estudos!

INTRODUÇÃO

Aula de Português

(Carlos Drummond de Andrade)

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

Esse belo poema de Carlos Drummond de Andrade aborda uma vivência de ensino da Língua Portuguesa na escola que pode, seguramente, representar as experiências de muitos de nós. Vamos nos deter especificamente na ideia de que o “português são dois”: (i) há um português da língua oral, aquele que está “na ponta da língua” e que “é fácil de falar e de entender”. O poeta se refere ao português que aprendemos na infância de maneira tranquila e prazerosa, interagindo com nossos pais, amigos e outras pessoas em um universo repleto de produções simbólicas – gestos, sinais de trânsito, música, desenhos, palavras, etc. Dito de outro modo, apreendemos a falar porque fomos encorajados a descobrir, social e culturalmente, as diferentes linguagens, o que inclui a nossa língua portuguesa; (ii) há, contudo, um outro português, o da “superfície estrelada das letras”, ou seja, o português da língua escrita ensinado na escola a partir das “figuras de gramática”. Esse português é consequência, muitas vezes, de um ensino da língua confundido com o ensino da gramática, notadamente da gramática normativa que dita e prescreve regras “esquipáticas”, separando o que seria correto do que seria errado no uso da língua. Nessa perspectiva de ensino, não se leva em consideração a língua oral e as várias possibilidades de manifestações linguísticas e, conseqüentemente, transforma-se a língua em algo estranho, difícil, inacessível – até porque somente o “professor” é quem sabe e o aluno se vê como um ser de “ignorância” que nada sabe sobre sua língua.

O português “mistério” é fabricado cotidianamente por professores que entendem que a língua está pronta e que, se o aluno dominar um conjunto de regras e definições gramaticais, ele terá domínio tanto da expressão oral quanto escrita. Tudo, em sala de aula, é transformado em exercícios sobre a língua. Que língua? Uma língua idealizada há muitos séculos e ficou reconhecida, desde então, com sendo a única forma correta. É ela que está na mira do ensino de português quando esse propõe listas de exercícios focados em “figuras de gramática” que “atropelam”, “aturdem”, “sequestram” o aluno de sua própria língua(gem).

Entretanto, há outras vias de estudo que nos permitem olhar reflexiva, descritiva e cientificamente a língua real, verdadeira, manifestada de diferentes formas pela ativação da linguagem. Não iremos discutir aqui, pelo menos não diretamente, questões específicas do

ensino de Português. O que pretendemos é expor alguns conceitos fundamentais da Linguística – a ciência da linguagem – que apontam caminhos teóricos e críticos para o estudo da língua. Trata-se de um primeiro passo para que um iniciante nesse terreno possa, de um lado, desenvolver uma atitude investigativa face aos fatos linguísticos, e, de outro, encantar-se pela matéria da linguística, entendendo que a linguagem é constituída “[...] por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência”; não existe apenas a “[...] linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão.” (SAUSSURE, 1995, p.13)

O QUE É E O QUE NÃO É LINGUÍSTICA?

O que é Linguística? E para que ela serve? Essas perguntas são recorrentes em todos que iniciam seus estudos linguísticos no curso de Letras. Isso porque é muito raro, diríamos mesmo raríssimo, haver um aluno que saiba que é possível estudar a língua para além do ensino gramatical apontado no poema de Drummond com que iniciamos este texto.

A Linguística, ao contrário da Gramática normativa, não prescreve normas ou impõe regras sobre o correto uso da língua. Trata-se de uma ciência que tem como objeto a linguagem humana ou as línguas naturais e como objetivo primordial a tarefa de explicar o funcionamento tanto das línguas em geral como de uma língua em particular, por meio de um criterioso trabalho de descrição.

Para esclarecer essa diferença entre prescrição (da Gramática Tradicional) e descrição (da Linguística), retomemos um acontecimento midiático de grande repercussão que dividiu opiniões a respeito de uma explicação – fundamentada no fenômeno da variação linguística – presente no primeiro capítulo do livro didático *Por uma vida melhor* (RAMOS, 2011), destinado a alunos do EJA (Educação de Jovens de Adultos).



O que é variação linguística? (clique para iniciar)

De um lado, gramáticos, professores, escritores e muitas outras pessoas orientadas pelas concepções prescritivistas, protestaram contra a proposta do livro; de outro, linguistas e seus seguidores defenderam o posicionamento descritivo (científico) da autora face às variedades da língua, notadamente em relação às diferenças entre a fala e a escrita.

Vejamos a explicação que está no livro didático:

estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Existe outro tipo de concordância:

O menino negou o peixe.

Os meninos negaram o peixe.

Fragmento do capítulo *Escrever é diferente de falar*, páginas 15 e 16, do livro *Por uma vida melhor*, da coleção *Viver, aprender*, adotado pelo Ministério da Educação (MEC) para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), em 2011. (clique sobre a imagem para ampliar)

A autora do livro, Heloísa Ramos, explica inicialmente que na Língua Portuguesa há duas possibilidades de se fazer a concordância entre o artigo e o nome, uma vez que, além da norma padrão do português – que prevê o ‘s’ como marca de plural tanto no artigo quanto no substantivo (os livros) – há uma variante popular na qual o ‘s’ é empregado apenas no artigo (os livro). Ela desenvolve sua explicação respondendo à possível questão de um aluno que perguntaria se ele pode falar “Os livro”. Sua resposta é clara: “Pode”!

Para não poucas pessoas, a autora está enganada e desrespeitando as regras gramaticais da Língua Portuguesa. Mais do que isso, ela foi acusada de praticar um *Assassinato da Língua Portuguesa*, conforme reportagem da revista *Isto é*, de 25 de maio de 2011, disponível neste link:

Nesta reportagem, fica evidente o modo como o senso comum encara o fenômeno da variação linguística:

Na linha de entendimento dessa reportagem, o aluno não pode falar “os livro” e “ Nós pega o peixe”, porque, grosso modo, a concordância (ou a falta dela) nessas expressões não é aceita pelo padrão culto da língua. Nos argumentos apresentados, parte-se do princípio de que somente a língua padrão é legítima e que, portanto, somente ela deve ser considerada em um livro didático (concebido, muitas vezes, como uma voz de autoridade na sala de aula e, portanto, um portador inquestionável de verdades.

Desse embate, emergem dois posicionamentos antagônicos diante dos fatos linguísticos: de um lado, temos uma perspectiva prescritiva – dizendo como a língua deve ser; e de outro, temos uma perspectiva descritiva – dizendo como a língua é.

O primeiro posicionamento orienta-se pela Gramática Tradicional e por trabalhos e interpretações que derivam dela. Segundo esse modo de analisar a língua, é preciso sempre seguir as normas que determinam o que é certo e o que é errado, o que pode e o que não pode ser dito/escrito. Daí os argumentos que servem de base para não se aceitar a resposta da autora quando ela diz que é possível falar “os livro”, pois ela desrespeita a seguinte regra (prescrição): o artigo deve sempre concordar com o substantivo.

Nesse tipo de abordagem, há uma série de equívocos com relação à natureza da linguagem, equívocos que produzem falsos conceitos e muitos preconceitos. Isso porque a língua não é una, uniforme, tampouco estática, uma vez que ela varia de região para região (um gaúcho não fala como um carioca), de grupo social para grupo social (as pessoas falam de modos diferentes a depender da situação socioeconômica, do grau de instrução, etc.), de situação para situação (manifestamo-nos de maneira ora mais informal, ora mais formal, conforme a situação). Não reconhecer a diversidade da nossa língua e impor uma norma linguística orientada unicamente pelo padrão culto da língua, é ignorar tanto a complexidade do nosso português

quanto o importante fato de que o prestígio das formas linguísticas, caras à gramática tradicional – como “Os livros” e “Nós pegamos os peixes” –, está invariavelmente associado ao prestígio social dos falantes.

As normas que definem o que é certo e o que é errado partem de fatores não propriamente linguísticos, mas de princípios que orientam o funcionamento da língua escrita. As características da linguagem oral são desprezadas e a escrita é tomada, erroneamente, como modelo para a fala.

Como exemplo da abordagem prescritiva, observemos dois depoimentos que ganharam espaço nas mídias. Ao protestarem contra a proposta do livro *Por uma vida melhor*, deixam evidente sua visão prescritiva sobre a Língua e, conseqüentemente, sobre o ensino do português.

É um absurdo. O ensino já está tão ruim. Trata-se de um incentivo do desvio da norma. Acham que o aluno é incapaz de aprender concordância. Existem variantes na nossa língua, só que todos terem de aceitar é uma outra história (Sérgio Nogueira)

Se “nós vai” é correto, então todo mundo deveria falar “nós vai”. O livro passa a ideia de que não faz mal falar errado, de que não é problema falar de uma maneira diferente da convencional. Isso termina levando algumas pessoas a não fazer um esforço em falar o português correto e cria esse apartheid linguístico. Numa sociedade como a brasileira, acabamos criando o português do rico e do pobre. (Cristovam Buarque)

O segundo posicionamento é o que baliza os estudos linguísticos. Na proposta do livro criticado, prevalece essa concepção, pois a autora deixa claro que uma sentença como “Nois pega o peixe”, apesar de ser rejeitada pela gramática normativa – e por todos que se orientam unicamente por ela – é um fato linguístico e, como tal, não pode ser desprezado, ignorado. Ao contrário, esse fato deve ser analisado, a partir da sua gramática, ou seja, das regras que organizam

aquela sentença: nenhum falante diria “o pexes”, por exemplo, pois há uma gramática orientando que o ‘s’ do plural ocorre no artigo e que, por isso, não precisa ser repetido no nome.

Sob a ótica da Linguística, tal como faz a autora do livro didático, é importante evidenciar as variações linguísticas de modo neutro, objetivo e imparcial, atitudes, aliás, que convêm a toda ciência. Não é possível um cientista julgar seu objeto de análise como bonito ou feio, certo ou errado. Um biólogo, por exemplo, diante da grande variedade/diversidade de plantas com que trabalha, não pode separar as certas das erradas. Um astrônomo, por sua vez, ao analisar os corpos celestes, não elege como objeto de pesquisa somente o planeta que considera bonito – ou que a tradição elegeu como bonito, discriminando o planeta feio. O mesmo critério de isenção com relação a julgamentos, preconceitos etc. ocorre com o linguista e é nesse sentido que a expressão “Nóis pega o peixe” não pode ser considerada errada e feia. Trata-se de um fato linguístico igual a “Nós pegamos o peixe” e ambas as formas são analisadas cientificamente, ou seja, de modo empírico e objetivo.

Empírico porque o linguista debruça-se sobre dados verificáveis mediante a observação seguida de análise; objetivo porque o método investigativo do linguista é totalmente isento de preconceitos sociais ou culturais. Seu desafio maior é explicar o real funcionamento de qualquer variedade linguística.

É preciso ainda acrescentar que, ao serem incorporadas as variedades de menos prestígio social no material de análise da Linguística, não se está, de modo algum, promovendo a deterioração ou decadência do idioma como muitas pessoas pensam. A língua é, e sempre foi, um fenômeno heterogêneo passível de mudanças e de variações. As transformações que ela assimila decorrem da sua própria natureza, ou seja, a homogeneidade linguística desejada – mais de 200 milhões de brasileiros falando a variedade socialmente aceitável – é um mito e pode gerar intolerâncias e discriminações associadas aos usos linguísticos das pessoas da classe mais carente, com pouco ou nenhum acesso a bens materiais. A abordagem descritiva com relação às formas excluídas do padrão culto, contribui para o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística e, assim, ajuda a combater, a partir do ensino da língua, o preconceito linguístico.



O que é preconceito linguístico? (clique para iniciar)

Outro ponto importante: é consenso entre todos – gramáticos, professores, linguistas – que o papel da escola é ensinar a língua padrão (norma culta), mas é necessário, para isso, haver condições para que ela possa ser aprendida.



Por que ensinar a língua padrão? (clique para iniciar)

Dada a grande repercussão do caso do livro didático na mídia, a então presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), professora Maria José Foltran, manifestou-se de modo a esclarecer que a Linguística, como qualquer outra ciência não trabalha com a dicotomia certo e errado. Ela explica que:

Independentemente da variedade que usa, qualquer falante fala segundo regras gramaticais estritas [...]. Os falantes do português brasileiro podem fazer o plural de “o livro” de duas maneiras: uma formal: os livros; outra informal: os livro. Mas certamente nunca se ouviu ninguém dizer “o livros”. Assim também, de modo bastante generalizado, não se pronuncia mais o “r” final de verbos no infinitivo, mas não se deixa de pronunciar (não de forma generalizada, pelo menos) o “r” final de substantivos. Qualquer falante, culto ou não, pode dizer (e diz) “vou comprá” para “comprar”, mas apenas algumas variedades diriam ‘dô’ para ‘dor’. Estas últimas são estigmatizadas socialmente, porque remetem a falantes de baixa extração social ou de pouca escolaridade. No entanto, a variação da supressão do final do infinitivo é bastante corriqueira e não marcada socialmente. Demonstra-se, assim, que falamos obedecendo a regras. A escola precisa estar atenta a esse fato, porque precisa ensinar que, apesar de falarmos “vou comprá” precisamos escrever “vou comprar”. E a linguística ao descrever esses fenômenos ajuda a entender melhor o funcionamento das línguas o que deve repercutir no processo de ensino (FOLTRAN, 2011)

Esse fragmento foi extraído do posicionamento da ABRALIN em relação à polêmica do livro didático *Por uma vida melhor*. Neste link, encontra-se esse texto e muitos outros que convergem para esclarecer, do ponto de vista linguístico, as condições de existência da polêmica.

Texto: Por uma vida melhor

Neste vídeo, há uma entrevista com o professor José Luiz Fiorin que, ao tratar da polêmica do livro didático *Por uma vida melhor*, expõe questões muito importantes em relação à natureza da língua/linguagem e ao aprendizado da norma culta, tendo em vista o fenômeno da variação linguística.

Vídeo: José Luiz Fiorin fala da polêmica sobre o livro didático

Vale, agora, observarmos mais alguns exemplos que nos ajudam a entender como e por que o conhecimento científico da língua se separou das prescrições gramaticais.

No português falado no Brasil, é muito comum nos depararmos com estruturas como estas: a) O filme foi assistido pelos alunos; b) Fui no supermercado; c) Estou namorando com ela. Podemos dizer que essas três sentenças fazem parte do padrão culto da Língua Portuguesa? A resposta é não, segundo a Gramática Tradicional, apesar de serem sentenças ditas repetidamente por pessoas que dominam o padrão culto do Português. Vejamos as prescrições:

I. o verbo *assistir*, no sentido de presenciar (ver), é transitivo indireto. Deve ser usado com a preposição *a*: *assistir ao filme*. A voz passiva somente é possível com verbos transitivos diretos, ou seja, a sentença *a)* está errada, porque está na voz passiva, contrariando a regra gramatical;

II. o verbo *ir*, no sentido de deslocar-se, é transitivo indireto. Deve ser usado com a preposição *a*: *ir ao banco*, *ir à praia*; *ir para Curitiba*. Portanto, a sentença *b)* também está errada, segundo essa regra;

III. o verbo *namorar* é transitivo direto, logo, não pode ser usado com preposição, o que inclui, obviamente, o *com*. Sobre essa regra, vale ilustrarmos com a explicação do gramático – “Todos devemos namorar alguém, e não com alguém. *Você a namora*, e não *namora com ela*. Seu pai, antes de casar, *namorou sua mãe*. Em português sempre foi assim. Não queira mudar agora” (SACCONI, 1994, p. 336). Novamente, temos um exemplo de uma sentença que desrespeita a regra.

A visão prescritiva da Gramática Tradicional, ao aceitar apenas uma forma como correta para as regências dos verbos assistir, ir e namorar, sem distinguir o que seria mais adequado para a escrita ou para a fala, parece aleijar, deformar a realidade linguística dos falantes de Língua Portuguesa, porque propõe um modelo de uma língua artificial que muito pouco tem a ver com a língua de pessoas consideradas cultas. Notem que, se compararmos esses erros – correntes na fala culta – com os erros apresentados no livro didático – correntes na fala popular –, fica fácil perceber que a discriminação, a não aceitação (de onde vem o preconceito) recai muito mais em quem fala “os livros” do que em quem fala “estou namorando com ela”.

A Linguística, repetimos, se afasta, e muito, desse modo de conceber a língua/linguagem. Ela descreve seu objeto – a língua – como ele é e não faz afirmações sobre como ele deveria ser. No caso do verbo *namorar*, por exemplo, o linguista observa que o verbo *casar*, *noivar* são seguidos da preposição *com*, por que *namorar* não seria seguido da mesma preposição? Esse verbo tem sido usado no sentido de querer muito uma coisa: *estou namorando aquele vestido da vitrine*. O uso ou não da preposição não marcaria essa diferença no sentido?

Em suma, a Linguística desenvolveu um método para descrever quaisquer frases, reunindo como material de análise tudo o que de fato existe na língua dos falantes, sejam elas, as frases, consideradas corretas ou não. A única questão que importa é compreender analiticamente a sua estrutura, analisar os fonemas, os morfemas, enfim, as regras que permitem a combinação entre eles.

Nesse sentido, está muito certo um outro poeta magistral da Língua Portuguesa, quando deixa claro que a língua é viva e que “o povo fala gostoso do português.”

Evocação do Recife

(Manuel Bandeira)

[...]A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada [...]

Cabe, por fim, uma última questão: por que a Linguística é importante para o profissional de Letras? “Sem uma base linguística verdadeira, as pessoas envolvidas em questão de ensino de português acabam ou acatando velhas e erradas tradições de ensino ou se apoiando explícita ou implicitamente em concepções inadequadas de linguagem” (CAGLIARI, 1994, p. 34).

A CIÊNCIA LINGUÍSTICA DE SAUSSURE

Para iniciarmos este assunto, sugerimos o vídeo *Princípios Gerais da Linguística* - com Cristina Altman (USP)

A Linguística moderna, obviamente, não nasceu de repente e de modo desvinculado de outros estudos sobre a língua/linguagem. Dado o fato de que a linguagem é, provavelmente, a marca mais notória da cultura, houve, ao longo da história da humanidade, interesse de diversas áreas, em diferentes momentos, em explicar as especificidades dessa fantástica capacidade humana, não raro por meio de mitos e crenças.

Ao longo da história dos estudos linguísticos, a produção de saberes na época do gregos antigos, depois dos romanos, dos medievais, dos renascentistas etc., sempre objetivavam compreender os mistérios da língua/linguagem, mas não o faziam sob um disciplina autônoma, científica.

Dentre os momentos mais importantes que balizaram os estudos linguísticos modernos, propiciando a emergência de uma ciência linguística no início do século XX, destacamos a Gramática Comparada ou Linguística Histórica. Com a descoberta da língua *brahmi* (sânscrito), no final do século XVIII, os estudiosos evidenciaram semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego, passando-se a considerar que essas línguas derivavam de uma origem comum. Ao longo do século XIX, muitos linguistas buscavam correspondências entre línguas separadas no tempo e no espaço, de modo a verificar mudanças, além das relações de parentesco entre elas, com vistas a elaborarem uma teoria geral das transformações linguísticas. Reconheceu-se que as mudanças não dependiam dos homens, já que correspondiam a uma necessidade da própria língua.

O alemão Franz Bopp é o principal nome dessa época. Fortemente ligado à hipótese de haver uma língua mãe, ele pesquisava o motivo comum das línguas indo-europeias. Estudou o sânscrito, conforme sua obra *Système de conjugaison du sanskrit* (1816), reconstruindo a gramática original e orientando-se pela tese de que as línguas indo-europeias “[...] são o resultado de uma desintegração progressiva do antigo sistema flexional.” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p.15).

São, sumariamente, esses tipos de estudo que prepararam o terreno teórico no qual Ferdinand de Saussure (1857-1913), pai da Linguística moderna, elaborou os Cursos de Linguística Geral que ministrou em Genebra, na Suíça, entre os anos de 1907 e 1911.

Em 1916, surge a célebre obra *Cours de Linguistique Générale* (doravante CLG) que apresenta uma síntese das ideias de Saussure expostas naqueles três cursos, provocando uma verdadeira revolução nos estudos linguísticos. Saussure, ele mesmo, não publicou nada em relação a esses cursos, nenhuma linha; morreu em 1913, com 54 anos, sem saber que dois de seus alunos, Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), reuniriam e sistematizariam as anotações feitas durante suas aulas e publicariam o livro fundador da ciência da linguagem.

Como não foi Saussure quem escreveu o livro, não é possível partir do princípio de que o CLG expressa rigorosamente o que ele disse/pensava, pois bem sabemos que entre o que diz um professor e o que seus alunos anotam, há um processo de seleção e interpretação, orientados por interesses pessoais e pontos de vistas. Daí a indagação de Bally e Sechehaye no prefácio do CLG (1995, p.5): “[...] saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes?”

Ferdinand de Saussure foi um linguista genial; trabalhou em importantes centros europeus – Suíça, Alemanha e França – no final do século XIX e início do século XX desenvolvendo, como seus colegas, uma linguística histórico-comparatista; estudou sânscrito e muitas outras línguas; defendeu jovem sua tese de doutorado intitulada *De l’emploi du génitif absolu en sanscrit*; ministrou aulas sobre gramática comparada; ensinou linguística indo-europeia, enfim, fez o que se esperava de um linguista naquela época.

Contudo, escrevem Bally e Sechehaye no prefácio do CLG (1995, p. 1):

Repetidas vezes ouvimos Saussure deplorar a insuficiência dos princípios e dos métodos que caracterizavam a Linguística em cujo ambiente seu gênio se desenvolveu, e ao longo de toda a sua vida pesquisou ele, obstinadamente, as leis diretrizes que lhe poderiam orientar o pensamento através desse caos. Mas foi somente em 1906 que, sucedendo a Joseph Wertheimer na Universidade de Genebra, pôde ele dar a conhecer as ideias pessoais que amadurecera durante tantos anos. Lecionou três cursos de Linguística Geral; é verdade que as necessidades do programa o obrigaram a consagrar a metade de cada um desses cursos a uma exposição relativa às línguas indo-europeias, sua história e sua descrição, pelo que a parte essencial do seu tema ficava singularmente reduzida

Com o CLG, Saussure transformou profundamente os estudos linguísticos no mundo inteiro ao mostrar que era possível estudar uma língua por ela mesma, que era possível estudá-la de modo muito diferente do que se fazia nos estudos gramaticais herdados dos gregos e romanos, na Filologia e, por último, na Linguística Histórica (Gramática Comparada). Rompeu, então, com a tradição a que pertencia e deu visibilidade a uma série de princípios e métodos que visavam transformar a Linguística em uma ciência independente das demais. O CLG inaugurou, então, um novo paradigma para se compreender a natureza e o funcionamento da linguagem humana, por meio de uma abordagem descritiva, não histórica e sistemática (que mais tarde é entendida como uma abordagem estrutural).

No texto *O Fantástico Mundo Da Linguagem*, Aldo Bizzochi discorre sobre cinco temas importantes para uma introdução aos estudos linguísticos, a saber: (i) A origem dos estudos linguísticos; (ii) Língua e signo na Idade Média e na Renascença; (iii) O estudo histórico-comparativo das línguas; (iv) O nascimento da linguística moderna; (v) Evolução e conquistas do estruturalismo.

Texto: O Fantástico Mundo Da Linguagem

Este vídeo ilustra e resume a vida e a obra de Ferdinand Saussure, com destaque para as dicotomias que trataremos no próximo item.

Vídeo: Fernando Saussure - Breve Vida e Obra

PRINCÍPIOS GERAIS DO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

LINGUAGEM, *LANGUE* E *PAROLE*

A Linguística, embora seja uma ciência que visa analisar (descrever) a linguagem, ela não a toma como objeto. Isso ocorre porque, a linguagem:

[...] é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 1995, p.17)

Para Saussure, a linguagem é muito vasta, imprevisível e de tal modo complexa que é impossível defini-la ou considerar um ponto de apoio sem que haja um aglomerado confuso de coisas desconexas (heteróclitas). Ela é cavaleiro de diferentes domínios, no sentido de que pode ser estudada por outras ciências – Psicologia, Antropologia, Gramática Normativa, Filologia. Daí ter sido necessário “[...] colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.” (SAUSSURE, 1995, p.16-17)

O objeto de estudo da Linguística é, portanto, a *langue* (língua) que, ao contrário da Linguagem, é um todo por si e um princípio de classificação.

[...] ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 1995, p.17).

Trata-se, portanto, de um produto social e, por isso, está além do domínio individual dos falantes de certa comunidade linguística. Notemos que a língua portuguesa, por exemplo, é constituída por um sistema de regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que

organizam toda a estrutura necessária para que nós, em situação de fala, possamos acionar o sistema e nos comunicar com qualquer outro falante desse mesmo sistema. Os sons, as relações entre as palavras em um enunciado, assim como a produção de sentidos ocorrem de forma regrada. E essas regras, ou melhor, o sistema da língua, estão depositadas, pela prática da fala, na mente de cada pessoa como um dicionário cujos exemplares são divididos entre os indivíduos. Ninguém pode alterar as regras do sistema ou suprimi-las. Não seria possível a comunicação humana se fosse diferente, ou seja, se não houvesse um contrato social.

Enquanto a *langue* é social, tem caráter coletivo e é independente do indivíduo, a *parole* (fala) é a parte individual da linguagem, ou seja, é a realização concreta da língua, é o uso que fazemos da *langue*. Como a *parole* está sujeita a variações, ela não pode ser inserida no objeto da Linguística que demanda homogeneidade.

Por isso, segundo Saussure, a *langue*, e não a *parole*, é considerada o único e verdadeiro objeto da Linguística. Ele parte do princípio de que a língua possui ordem própria – basta por si mesma – e, portanto, é independente do indivíduo, da história e da situação de fala (contexto). Esse é um ponto que, mais tarde, foi bastante criticado pelos/nos estudos linguísticos produzidos a partir da década de 1960, pois se passou a considerar o sujeito (quem fala), o contexto (onde fala), a história, enfim, os elementos excluídos nas práticas estruturalistas como imprescindíveis na produção dos sentidos de um enunciado.

Contudo, para Saussure, a língua - sistema linguístico — autossuficiente, prescinde do mundo e, portanto, deve ser descrita independentemente da exterioridade, do homem que a utiliza para se comunicar. Ao linguista, cabe compreender esse sistema autônomo, tramado mediante uma rede de oposições em que cada elemento – fonemas, morfemas etc. – se define por um outro, em que não há termo, mas somente relações e diferenças.

As características da *langue* e da *parole* podem ser assim resumidas, conforme apresentam Paveau e Sarfati (2006, p. 76):

LANGUE	PAROLE
<ul style="list-style-type: none"> • Social • Essencial • Registrada passivamente • Psíquica • Soma de marcas em cada cérebro • Modelo coletivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Individual • Acessório mais ou menos acidental • Ato de vontade e de inteligência • Psicofísica • Soma do que as pessoas dizem • Não coletivo

SIGNO LINGUÍSTICO – SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO

A linguagem se manifesta mediante uma materialidade que pode ser verbal (palavras) ou não verbal (imagens, cores, sons, gestos, etc.). A ciência linguística de Saussure se volta exclusivamente para a linguagem verbal – o signo linguístico. Mas, e qual ciência estuda as outras materialidades não-verbais? A Semiologia (do grego *semêion* = signo).

No CLG, Saussure afirma que a Linguística é uma parte da Semiologia

*Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia* [...]. Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, 1995, p.24, grifos no original).*

Embora Saussure aponte que a Semiologia é uma ciência ainda a ser criada, na mesma época em que fez seus estudos – final do século XIX e início do século XX – o norte-americano

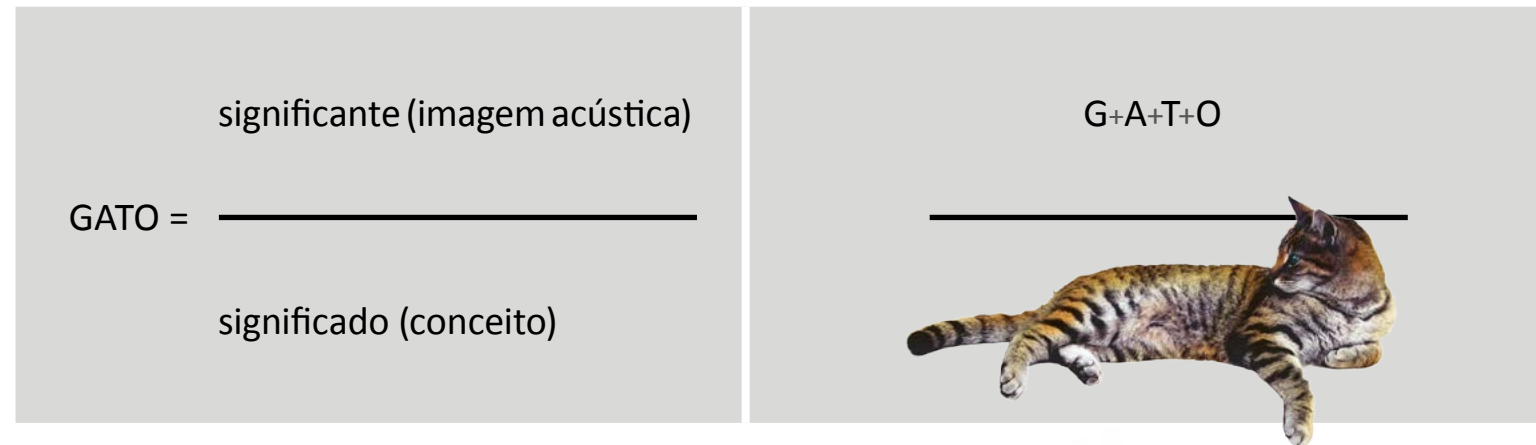
Charles Sanders Peirce se dedicava, justamente, ao estudo do signo não-verbal. Saussure e Peirce foram contemporâneos, mas seus caminhos não se cruzaram, um não sabia da existência do outro. Contudo, ambos trataram do signo, estabelecendo uma distinção entre as qualidades materiais (o significante) do signo, e seu intérprete imediato (o significado).

O que é Semiótica? Quem foi Charles Sanders Peirce? Resposta a essas perguntas estão neste site.


Saussure, no conjunto de suas explicações sobre a língua, define-a como um sistema de signos que por sua vez é constituído por unidades abstratas e convencionais. Para o mestre, o signo linguístico

[...] une não uma coisa e um palavra, mas um *conceito* e uma *imagem acústica*. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos [...] O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...] Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. (SAUSSURE, 1995, p.80, grifo nosso).

Em certa tradição dos estudos linguísticos, mais precisamente na Idade Média, acredita-se que o signo era algo que estaria no lugar de algo, ou seja, a palavra, enquanto signo, estava relacionada à coisa que ela significava (representava). Deslocando essa ideia, Saussure define o signo como a “[...] associação de duas faces intimamente unidas, uma é o significante (imagem acústica) e a outra é o significado (conceito).” Ambas têm valor psíquico, ou seja, o falante tem uma experiência do que seja um GATO no mundo em que ele vive e cria, no cérebro, um conceito para essa experiência, associando-a a uma representação sonora (G+A+T+O). Tudo isso está, repetimos, depositado cérebro do indivíduo e por isso não se trata de um som propriamente dito.



O caráter psíquico do signo linguístico, notadamente as imagens acústicas (significante) que apontam para ideia de materialidade (os signos verbalizados, ditos), é assim explicado no CLG: “O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua [órgão da boca], podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema” (SAUSSURE, 1995, p. 80). Ou ainda, cantar aquela música que não sai da nossa cabeça, sem emitir um único som!

As duas faces do signo linguístico (significante e significado) são inseparáveis e o laço que as une é arbitrário. Isso significa que o vínculo existente entre a ideia de GATO e a sequência G+A+T+O se dá por convenção, na medida em que não existe um motivo, um porquê para um significante estar associado a um significado. O signo linguístico, portanto, é imotivado. Gato = , em língua portuguesa; mas é *Chat*, em francês; *Cat*, em inglês, etc.

Contudo, a palavra arbitrário

[...] não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala [...] queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (SAUSSURE, 1995, p. 83)

A propósito das onomatopeias, como *miau*, que sugerem um decalque da realidade, Saussure argumenta que esses signos são minoria na língua e o fato de serem imitações aproximativas não invalida a tese da arbitrariedade. Além disso, as onomatopeias não são idênticas em todas as línguas.

Há, contudo, signos que são considerados relativamente motivados.

[...] *vinte* é imotivado, mas *dezenove* não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõem outros que lhe são associados, por exemplo, *dez*, *nove*, *vinte e nove*, *dezoito* [...]; tomados separadamente, *dez* e *nove* estão nas mesmas condições que *vinte*, mas *dezenove* apresenta um caso de motivação relativa. O mesmo acontece com *pereira*, que lembra a palavra *pera* e cujo sufixo *-eira* faz pensar em *cerejeira*, *macieira* etc. (SAUSSURE, 1995, p. 152, grifos no original).

Valente (1997, p. 40), destaca um texto do Millôr Fernandes que aborda, com certo humor, a (possível falta) de arbitrariedade do signo:

Outra característica importante do signo linguístico é a linearidade. Enquanto a arbitrariedade diz respeito ao signo, a linearidade refere-se ao significante, às imagens acústicas. Explica Saussure: “[...] o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa dimensão: é uma linha*” (SAUSSURE, 1995, p.84, grifo no original). Assim, em um signo como *gato*, a alteração da linearidade transforma-o em *toga* (beca).

A linearidade, diferentemente da arbitrariedade, é uma condição para que seja possível a interpretação da língua a partir da segmentação dos seus encadeamentos.

DIACRONIA E SINCRONIA

A diacronia (*dia* = através; *cronos* = tempo) refere-se aos estudos dos fatos de uma língua através do tempo; já a sincronia (*sin* = simultaneidade, recíproco; *cronos* = tempo) refere-se ao estudo dos fatos de uma língua em um momento específico.

Para esclarecer as diferenças entre uma abordagem diacrônica e uma abordagem sincrônica, vejamos o seguinte exemplo, tomado de empréstimo de Valente (1997).

O verbo pôr, em Língua Portuguesa, pertence à segunda conjugação que diz respeito aos verbos terminados em –er, isto é, verbos que possuem a vogal temática e. Podemos compreender por que esse verbo é de segunda conjugação, por meio de uma abordagem diacrônica: o verbo veio do latim *ponere*, cuja evolução se deu para *poner* > *põer* > *poer* > *por*. Mas podemos, igualmente, examiná-lo, por meio de uma abordagem sincrônica: se conjugamos o verbo pôr, tal como ele existe hoje, temos pões, puseste, pusera, etc., ou seja, a vogal temática e aparece em muitos tempos do verbo.

Para Saussure, os estudos na ciência linguística devem ser prioritariamente sincrônicos, pois entende que, diferente dos estudos da Gramática Comparada, da Linguística Histórica – que se concentrava na evolução de um estado da língua, observando as mudanças ocorridas de uma época a outra (abordagem diacrônica, portanto) – a língua pode (e deve) ser estudada como uma realidade autônoma, independentemente de sua evolução. Para ele, o eixo da simultaneidade (sincronia), e não o eixo da sucessividade (diacronia), deveria orientar o trabalho do linguista. O que é exterior ao sistema, como a história da língua e os processos evolução, é irrelevante, pois a única realidade linguística que o falante conhece é a língua na atualidade de seu funcionamento.

Saussure se vale de uma metáfora do jogo de xadrez para esclarecer a perspectiva sincrônica – dimensão estática e autônoma dos fenômenos linguísticos – associada ao funcionamento da *langue* concebida como sistema. Mostra que as peças de um jogo de xadrez são identificadas unicamente conforme suas funções e conforme as regras do jogo:

Nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno ao contrário é tudo quanto concerne ao sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a ‘gramática’ do jogo. (SAUSSURE, 1995, p. 32)

Ao esclarecer a dinâmica sincrônica do jogo, comparando-a com o sistema da língua, Saussure explica que as peças equivalem aos elementos da língua (fonemas, morfemas, etc.) e as regras são a gramática. Não importa quais foram as jogadas que antecederam um determinado momento do jogo, tampouco o material das peças, pois o importante é analisar as posições das peças e as suas funções, tendo em mira o próximo lance.

Nessa perspectiva de análise, a sincronia coloca em relevo as unidades isoladas, provocando (i) um jogo epistemológico, porque rompe com a linguística histórica que primava pela diacronia; (ii) um jogo teórico, uma vez que se propõe uma língua entendida como um sistema abstrato; e (iii) um jogo metodológico, na medida em que se organiza o campo da Linguística. (PAVEAU; SARFATI, 2006).

Para além da questão da sincronia, a metáfora do jogo de xadrez é explorada para explicar o conceito de valor:

Mas de todas as comparações que se poderiam imaginar, a mais demonstrativa é a que se estabeleceria entre o jogo da língua e uma partida de xadrez. De um lado e de outro estamos em presença de um sistema de valores e assistimos às suas modificações. Uma partida de xadrez é como uma realização artificial daquilo que a língua nos apresenta sob forma natural (SAUSSURE, 1995, p. 104)

A exemplo do jogo, as unidades da língua funcionam sempre em relação umas com as outras, ou melhor, sempre em oposição umas com as outras. Se faltar uma peça do jogo, é possível substituí-la por qualquer objeto e, esse, uma vez inserido no jogo, assume o mesmo valor da peça extraviada. Ou seja, as peças não possuem funções preestabelecidas, na medida em que funcionam de acordo com a gramática do jogo. O mesmo vale para a língua: um artigo *a*, uma preposição *a* ou uma pronome *a* possuem um ou outro valor a depender das relações que estabelecem com os demais elementos da língua, opondo-se a outros (como o artigo *o*, preposição *de*, pronome *o*, *lhe*, *me* etc). Assim, temos a gata em que, de acordo com as regras da língua, o artigo *a* antecede o substantivo feminino gata, ambos no singular, não sendo possível algo como **a gato* ou **a gatas*.

PARADIGMA E SINTAGMA

Esta última dicotomia trata da natureza relacional do sistema linguístico a partir de dois eixos: um que diz respeito à linearidade – o sintagma –, e outro que diz respeito à ordem do sistema – o paradigma.

O sintagma é eixo de combinação dos termos na frase; é o lugar onde os signos se organizam lado a lado (não é possível falar duas palavras ao mesmo tempo) relacionando-se na horizontalidade.

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo [...]. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*. (SAUSSURE, 1995, p. 142, grifo no original).

Existem várias possibilidades de se construir um sintagma: pode ser com dois ou mais elementos consecutivos: re-ler; contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos, etc. No sintagma, um termo terá valor somente em oposição ao termo que o antecede e ao que o segue, ou os dois.

O paradigma, por sua vez, é o eixo de combinação dos termos; é o lugar das escolhas das palavras que serão materializadas no sintagma.

Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo em comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. Assim, a palavra [...] *ensino* fará surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras (*ensinar, aprendizagem, educação*); de uma maneira ou de outra, todas têm algo de comum entre si. (SAUSSURE, 1995, p. 143, grifo no original).

Tomemos a frase *O gato quebrou o vaso*, a partir das possibilidades de relações (oposições), tanto no eixo sintagmático quanto no eixo paradigmático (associativo). Vejamos:

	Eixo sintagmático				
Eixo paradigmático	O	Gato	quebrou	o	vaso
	Todos	criança	ignorou	a	Coração
	A	mulher	chutou	meu	sofá
	Um	homem	mordeu	aquele	homem
	Este	cachorro	arrastou	as	Carro
	O	bichano	despedaçou	um	recipiente

No eixo sintagmático, encontramos, na primeira linha, a materialização da frase, na qual todos os elementos se organizam um em relação ao outro (artigo antes do substantivo, ambos no masculino etc.). No eixo paradigmático, há uma espécie de banco de reserva da memória, ou seja, lá encontramos algumas opções que o sistema linguístico oferece que poderiam integrar o sintagma. Note-se que no eixo em que ocorre gato, esse elemento tomou o lugar que poderia ser do bichano, cachorro etc., enquanto os outros elementos, como o, este, despedaçou, arrastou concorrem em outro lugar. No paradigma, estão possibilidades de elementos que poderiam ser recuperados por meio de associações, de modo a integrar o sintagma. Dito de outro modo, as unidades ausentes no eixo paradigmático podem se tornar presentes no eixo sintagmático, dependendo das escolhas do falante.

Reiteramos que essas alterações não se dão de modo aleatório, já que são inevitavelmente regidas por regras da língua, possibilitando construções aceitáveis no jogo da comunicação. Dado o caráter social da *langue*, essas regras são apreendidas – internalizadas - pelos falantes ao longo de seu convívio na comunidade linguística da qual ele participa e, além disso, o falante não pode modificar regras do sistema da língua no uso individual da *parole*.

Neste texto, Arnaldo Cortina e Renata Coelho Marchezan explicam as dicotomias saussurianas

Princípios gerais do Curso de Linguística Geral

DEPOIS DE SAUSSURE

Os pressupostos do CLG extrapolaram o terreno da Linguística, na medida em que a corrente Estruturalista que se desenvolveu no século XX nasceu, justamente, das concepções saussurianas sobre linguagem, língua e fala. Os intelectuais daquela época desenvolveram suas investigações à luz do modelo saussuriano a partir do qual era possível analisar um sistema estrutural por meio de uma série de dualidades opostas - *langue* e *parole*, significante e significado, diacronia e sincronia, paradigma e sintagma. Essas dicotomias favoreceram o surgimento de um método coerente para se examinar não somente a língua, mas todos os sistemas de signos da vida social.

Lévi-Strauss, por exemplo, é um antropólogo considerado o expoente do estruturalismo francês; Michel Foucault, Louis Althusser e Jacques Lacan são igualmente importantes intelectuais que se inspiraram nos pressupostos da Linguística e contribuíram, cada qual com seu objeto de estudo, para o avanço, expansão e consolidação do Estruturalismo. Daí se dizer que a Linguística é uma ciência piloto no campo das ciências humanas.

Uma das formas do estruturalismo que se consolidou no interior da Linguística, é o funcionalismo que, como o próprio nome sugere, analisa a estrutura do sistema da língua em termos de funções. Entendem, os linguistas dessa corrente, que a “[...] estrutura fonológica,

gramatical e semântica das línguas é determinada pelas funções que têm que exercer nas sociedades em que operam” (LYONS, 1987, p. 207)

O funcionalismo, grosso modo, se opõe ao formalismo, ou seja: “[...] enquanto o ponto de vista funcionalista privilegia as constantes transformações das formas da linguagem na sociedade, o ponto de vista formalista tem no centro de suas preocupações o funcionamento interno do sistema linguageiro.” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p.115).

Embora não seja possível, nos limites deste texto, discutir a importância e a repercussão dos principais trabalhos desenvolvidos nos estudos linguísticos depois de Saussure, apresentaremos sumariamente alguns expoentes desses estudos.

Dentre os principais linguistas da corrente funcionalista que se consolidou na Europa, destacam-se os russos Nikolai Troubetzkoi e Roman Jakobson, do *Círculo Linguístico de Praga* (CLP)

NIKOLAÏ TROUBETSKOI (1880-1938)

O rico legado de Troubestskoi se deu, sobretudo, no campo da fonologia. Em sua obra *Princípios de Fonologia* (1939), ele estabelece a diferença entre fonética e fonologia. Notemos que os sons que constituem a fala apresentam traços sonoros que ora têm valor distintivo, ora não têm. Entre pato/bato, a troca de *p* (que é surdo) por *b* (que é sonoro) implica alteração de signo; já entre soldado/sordado, a diferença entre *l* e *r*, nessa posição, não altera o sentido, portanto, não altera o signo. A fonologia estuda os traços pertinentes que alteram a significação; já a fonética estuda as particularidades acústicas perceptivas nos sons da fala, trabalha com os sons propriamente ditos, considerando como eles são articulados, produzidos e percebidos.

A fonética pesquisa o que *se pronuncia na realidade*, ao se falar uma língua, e a fonologia *o que se imagina pronunciar*. ‘O que se pronuncia na realidade’ muda de um momento a outro e de um indivíduo a outro [...]. Mas ‘o que se imagina pronunciar’ não muda (ao menos num estado dado da língua). (TROUBETSKOI *apud* PAVEAU;SARFATI, 2006, p.127)

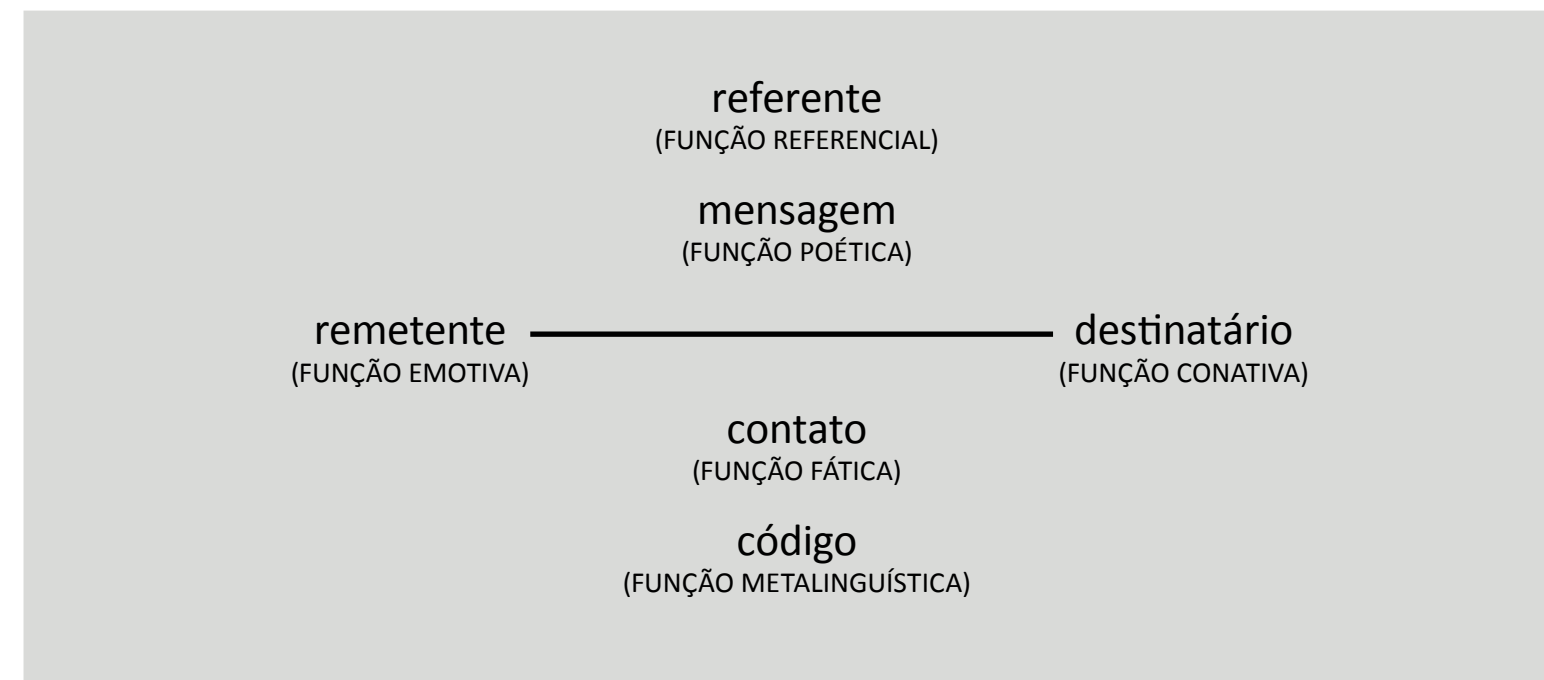
O rigor metodológico com que Troubetskoi estudou a fonologia foi transferido para todos os níveis de descrição linguística: a morfologia (que estuda a estrutura e os processos de formação das palavras); a sintaxe (que estuda da frase); a semântica (que estuda significado) etc.

Neste texto, Demerval da Hora Oliveira explica as diferenças entre Fonética e Fonologia

ROMAN JAKOBSON (1896-1982)

Roman Jakobson é um dos mais importantes linguistas do século XX. Foi um teórico da arte, da poesia, da linguagem em diversas manifestações. Ficou conhecido como o “poeta da linguística” porque seus estudos, fundamentalmente, estabeleceram laços entre a linguística e a literatura.

As propostas de Jakobson ampliam as funções da linguagem, inicialmente formuladas por Karl Buhler (1879-1963). O linguista parte dos componentes do processo de comunicação para definir seis funções da linguagem.



Na perspectiva de Jakobson, um texto não apresenta, forçosamente, somente uma única função. É possível, por exemplo, haver uma propaganda, cuja linguagem se centra no destinatário – portanto, conativa – que apresente igualmente a função poética.

Este texto, de Nellie Rego Santee e Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, esclarece cada uma das funções no contexto teórico formulado por Jakobson.

A Linguística de Roman Jakobson: Contribuições para o Estudo da Comunicação

Destacamos, ainda, dois outros linguistas cujos estudos são fundamentais para os avanços dos estudos linguísticos depois de Saussure: os norte americanos Leonard Bloomfield e Noam Chomsky.

LEONARD BLOOMFIELD (1887-1949)

Leonard Bloomfield é reconhecido como o principal expoente do estruturalismo norte-americano. Orientado por uma concepção mecanicista (behaviorista) da linguagem, Bloomfield publica *Le langage*, em 1933, livro que propõe uma teoria geral da linguagem e que, mais tarde, será conhecida como distribucionalismo.

Os estudos linguísticos nos Estados Unidos voltavam-se muito fortemente para a descrição de centenas de línguas ameríndias, muitas delas sob ameaça de desaparecer. Suas análises impuseram a necessidade de se estabelecerem princípios metodológicos que dessem conta, inclusive, de línguas ágrafas (línguas que não têm escrita). Bloomfield herda os avanços adquiridos pelos trabalhos do antropólogo Franz Boas e seu discípulo, o linguista Edward Sapir, em relação aos estudos dessas línguas e instaura uma metodologia altamente descritiva, na tentativa de obter rigor científico nas análises das estruturas linguísticas. A perspectiva behaviorista o

faz entender a linguagem na dinâmica de estímulo-resposta, excluindo do escopo da análise elementos da significação, ou seja, da semântica.

NOAM CHOMSKY (1928 -)

Noam Chomsky propõe a gramática gerativo-transformacional e sua teoria foi amplamente difundida entre 1960 e 1970, época em que se instaura o declínio do estruturalismo. Esse linguista reage contra o mecanicismo de Bloomfield e apresenta uma teoria baseada em três teses: a descrição linguística deveria (i) representar a competência do falante nativo e, para isso, seria preciso considerar a intuição do falante – essa que era rechaçada pelo mecanicismo; (ii) ultrapassar o caráter descritivo e classificatório da linguística mecanicista, de modo a considerar as explicações dos fatos linguísticos; (iii) distinguir a estrutura de superfície e a estrutura profunda. Postula a formulação de uma gramática que, por meio de um número finito de regras, fosse capaz de gerar todas as frases de um idioma, do mesmo modo que um falante pode formar um número infinito de frases em sua língua, mesmo quando nunca as tenha ouvido ou pronunciado.

A teoria chomskyana para a ciência linguística, não apenas desestabilizou as certezas científicas dos modelos mecanicistas, como também, e principalmente, promoveu um enorme avanço, do ponto de vista epistemológico e metodológico, nos estudos linguísticos, notadamente nos estudos sobre os processos de aquisição da linguagem. A ideia segundo a qual a linguagem seria um conjunto de hábitos e que o conhecimento linguístico da criança derivaria de memorizações e de imitações da fala adulta foi um dos alvos atacados por Chomsky. Para ele, a linguagem é independente de estímulo e a “[...] recusa do behaviorismo de admitir a existência de algo além de objetos e processos físicos observáveis baseia-se num preconceito pseudocientífico ultrapassado.”, segundo Lyons (1987, p. 213).

Dentre as inúmeras esterilidades da teoria behaviorista, Chomsky chama a atenção para o fato de que ela não consegue explicar certos fenômenos essenciais da natureza da linguagem e dos processos de sua aquisição, tal como a competência linguística do falante e o

aspecto criador da linguagem humana. Vale lembrar que Chomsky faz uma distinção fundamental entre competência (o conhecimento que o falante-ouvinte possui da sua língua) e performance (o uso efetivo da língua em situações concretas), seguindo a dicotomia saussuriana de *langue/parole*. Entretanto, Chomsky rejeita o conceito de *langue* como sendo um simples inventário sistemático de itens e postula que a competência é algo intrínseco em um falante-ouvinte ideal; ela subjaz como um sistema de processos gerativos. Ele associa o conceito de aceitabilidade ao de performance e o de gramaticalidade ao de competência (LYONS, 1987)

A criatividade no uso da linguagem manifesta-se dentro dos limites estabelecidos pela produtividade do sistema linguístico e diz respeito à capacidade que todo falante tem de produzir e compreender um número indefinido de sentenças que jamais ouviu anteriormente, por meio de um número finito de regras gramaticais recursivas que são, segundo o projeto chomskyano, em parte universais e em parte específicas de uma dada língua. Competência e criatividade são, grosso modo, os principais conceitos que estão na base do conjunto da teoria gerativa transformacional de Chomsky (LYONS, 1974;1987).

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1994.

FIORIN, JOSÉ LUIZ (org.). Introdução à linguística. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto: 2005.

_____. Conversas com linguistas – virtudes e controvérsias da Linguística. In: XAVIER, Antonio Carlos e CORTEZ, Suzana (org.). Conversas com Linguistas – virtudes e controvérsias da Linguística. São Paulo: Parábola, 2003.

LYONS, John. Linguagem e linguística. Rio de Janeiro: Guarabara Koogan, 1987.

ORLANDI, Eni. O que é linguística. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1986

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

RAMOS, Heloísa. Escrever é diferente de falar. Por uma vida melhor. Coleção viver e aprender. Global. p. 09 –22. 2011.

SACCONI, Luiz Antonio. Gramática essencial ilustrada. São Paulo: Atual, 1994.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 1995.

VALENTE, André. A linguagem nossa de cada dia. Petrópolis: Vozes, 1997.